

INVESTIGAÇÃO DO NÍVEL PEDAGÓGICO DOS ALUNOS DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO EM RELAÇÃO COM SUAS IDADES CRONOLÓGICAS

Planejado o funcionamento de uma clínica de conduta infantil no Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais, impunha-se a necessidade de colhêr elementos que nos permitissem estabelecer a área do normal dentro da nossa realidade, a fim de que, neste novo sector de trabalho do C. P. O. E., pudéssemos partir de base objetiva e real para a caracterização do que fôsse situação anômala, em todos os aspectos que se nos apresentassem ao estudo. Consideramos como fundamental em trabalho de tal natureza uma prévia exploração sôbre as peculiaridades da nossa criança, exploração que deverá abranger vários aspectos significativos no estudo da personalidade.

A investigação do nível pedagógico dos alunos dos grupos escolares do Estado em relação com suas idades cronológicas surgiu, pois, como um imperativo da nossa Clínica de Conduta Infantil, no sentido de obter dados necessários à fixação de normas para a determinação do atraso pedagógico, medida inicial de uma investigação das suas causas determinantes, de vez que a avaliação do atraso escolar com apoio na idade legal, isto é, na idade que a lei prevê para a matrícula nas diversas séries do curso primário, traria como conseqüência um exagerado número de crianças com rendimento insuficiente. Acresce que, carecendo êsse atraso de significação em face da própria realidade, também não ofereceria sentido no diagnóstico das dificuldades apresentadas pelos "casos" da Clínica, por isso que seria impossível avaliar a situação pessoal da criança no intrincado complexo de fatores não esclarecidos pela análise.

Os objetivos da investigação eram os seguintes:

- a) Determinar a área da idade real para cada série do curso primário;
- b) Verificar o número de crianças com atraso escolar nas escolas primárias do Estado;
- c) Estabelecer normas para o cômputo dos atrasados como medida inicial de uma investigação das causas determinantes do atraso;
- d) Obter, com apoio na realidade, padrões de rendimento para a apreciação do "deficit" nos casos estudados na Clínica.

Só a estatística nos proporcionaria meios de pôr em relêvo a nossa verdadeira situação no tocante à extensão do atraso escolar. Foi, por isso, o recurso que utilizámos.

Em Junho próximo passado realizámos um levantamento dos alunos matriculados em todos os grupos escolares do Estado, no qual se incluíram cêrca de 79.900 crianças. Os meios de que dispomos e a natureza do fenômeno permitiram tomássemos, não apenas uma amostra, mas a totalidade dos sujeitos sôbre os quais recairiam as conclusões a que chegássemos, o que de antemão veio assegurar certo rigor da medida. O trabalho revestiu-se de elevado grau de fidedignidade em virtude desta circunstância bem como das condições de sua execução, que passamos a expor. O censo foi efetivado mediante o preenchimento de quadros remetidos pelo C. P. O. E. a todos os grupos escolares do Estado, cujas direções deveriam limitar-se a registrar o número de alunos de cada idade matriculados em cada série do curso. No sentido de assegurar objetividade nas respostas, os quadros eram acompanhados de instruções sôbre os limites das idades. Assim, seriam registadas com seis anos as crianças que tivessem de 72 a 78 meses de idade; com sete, as crianças que tivessem de 79 a 90 meses; com oito, as de 91 a 102; com nove, as de 103 a 114; com dez, as de 115 a 126; com onze, as de 127 a 138; com doze, as de 139 a 150; com treze, as de 151 a 162; com catorze, as de 163 a 174; com quinze, as de 175 a 186.

As condições de eficiência com que se realizou esta primeira parte da investigação podem ser constatadas pelo fato do aproveitamento integral dos questionários recolhidos, preenchidos satisfatòriamente.

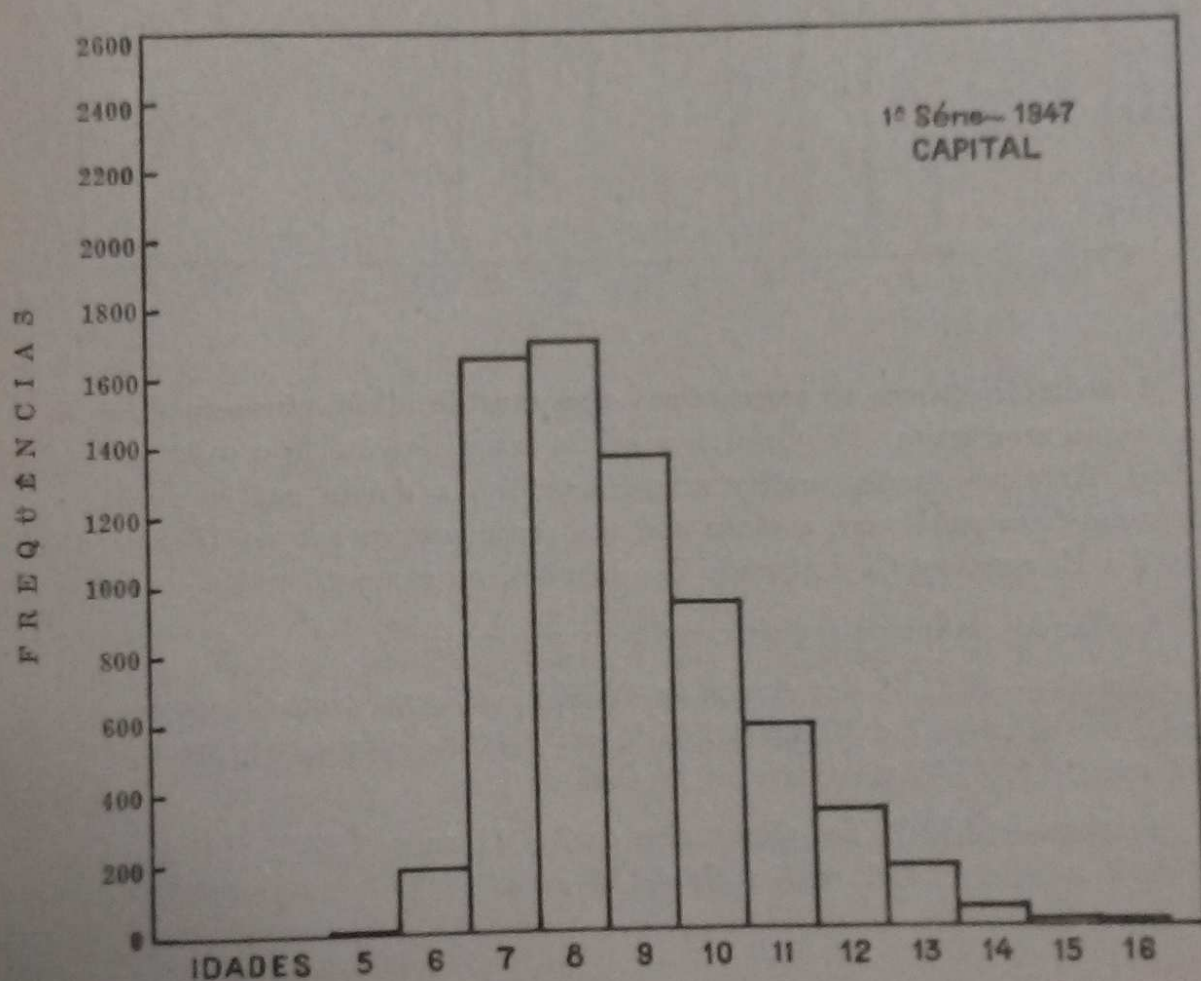
Os dados foram inicialmente agrupados pelas onze regiões escolares e depois reunidos em somas totais para constituírem as freqüências de cada idade por série do curso. Os grupos da primeira região escolar, isto é, da Capital, receberam tratamento à parte, na hipótese de uma situação diferente. Não obstante o prognóstico, é interessante verificar que apenas na primeira e na segunda séries se registaram pequenas diferenças; nas demais séries coincidiram os resultados da Capital com os do interior do Estado.

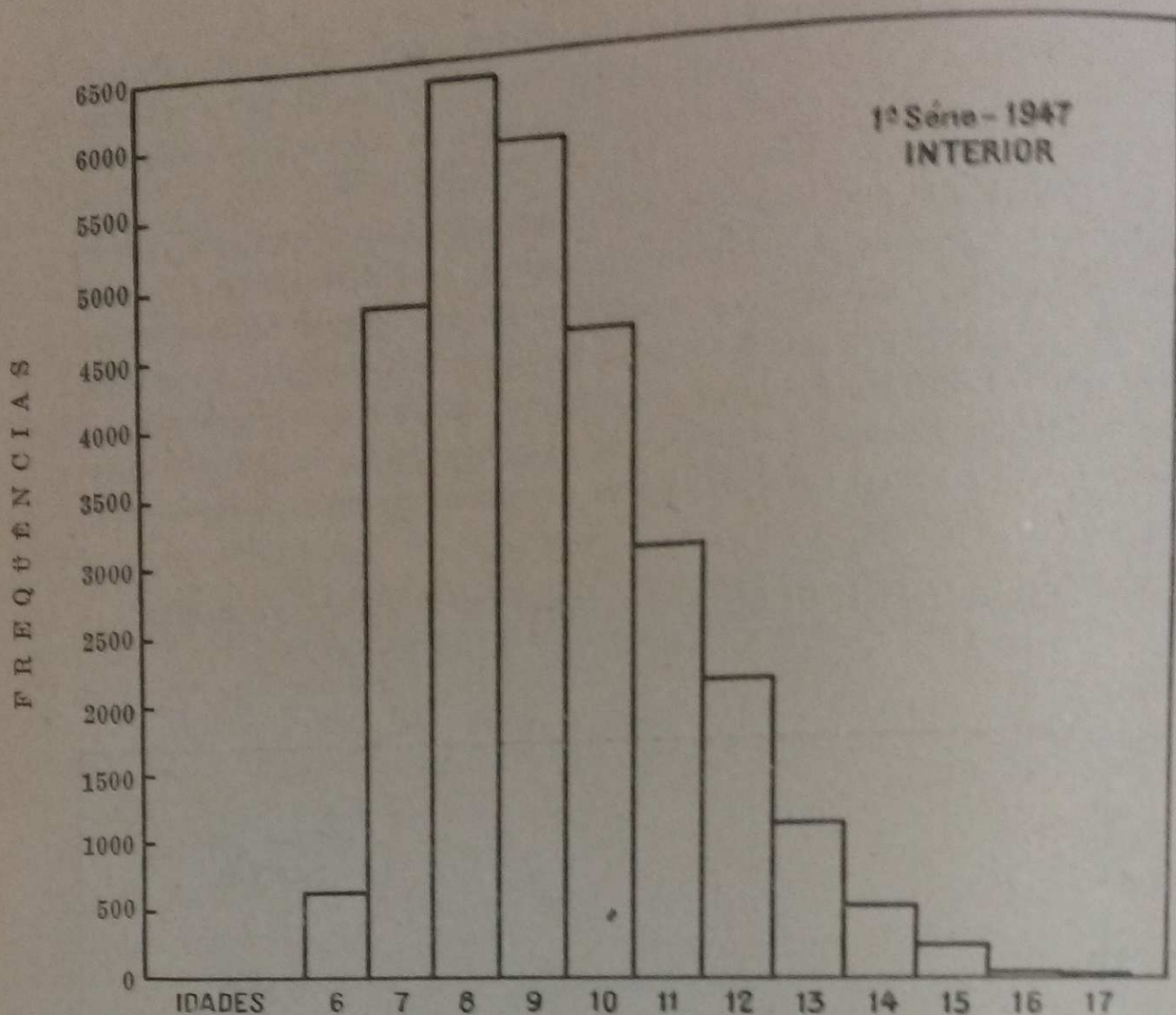
Feita a distribuição dos alunos por série, tendo em consideração as idades e a freqüência dessas idades, chegámos, pelo cálculo estatístico, à determinação das idades que, em cada série, correspondem à escolaridade efetiva, nas quais nem sempre está incluída, como podemos verificar, a idade legal.

Realizado o tratamento estatístico do fenômeno em estudo, foi-nos possível traçar as curvas correspondentes a cada série. Estas curvas não são simétricas, mas em geral se prolongam mais do lado dos atrasados do que dos avançados em relação à idade estatística média.

O resultado obtido veio tornar evidente uma situação que mal poderíamos supor sem os recursos da estatística: as idades legais estão na maioria dos casos acima da área da normalidade, a qual corresponde a um intervalo que, por excessivamente amplo em consequência da grande dispersão das curvas, denuncia a existência de algo de perturbador na marcha regular do ensino. Trata-se da comprovação de um fato que deve merecer exame atento em seus fatores determinantes para ulteriores providências.

ALUNOS MATRICULADOS NO ANO DE 1947 NA 1.^a SÉRIE DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO





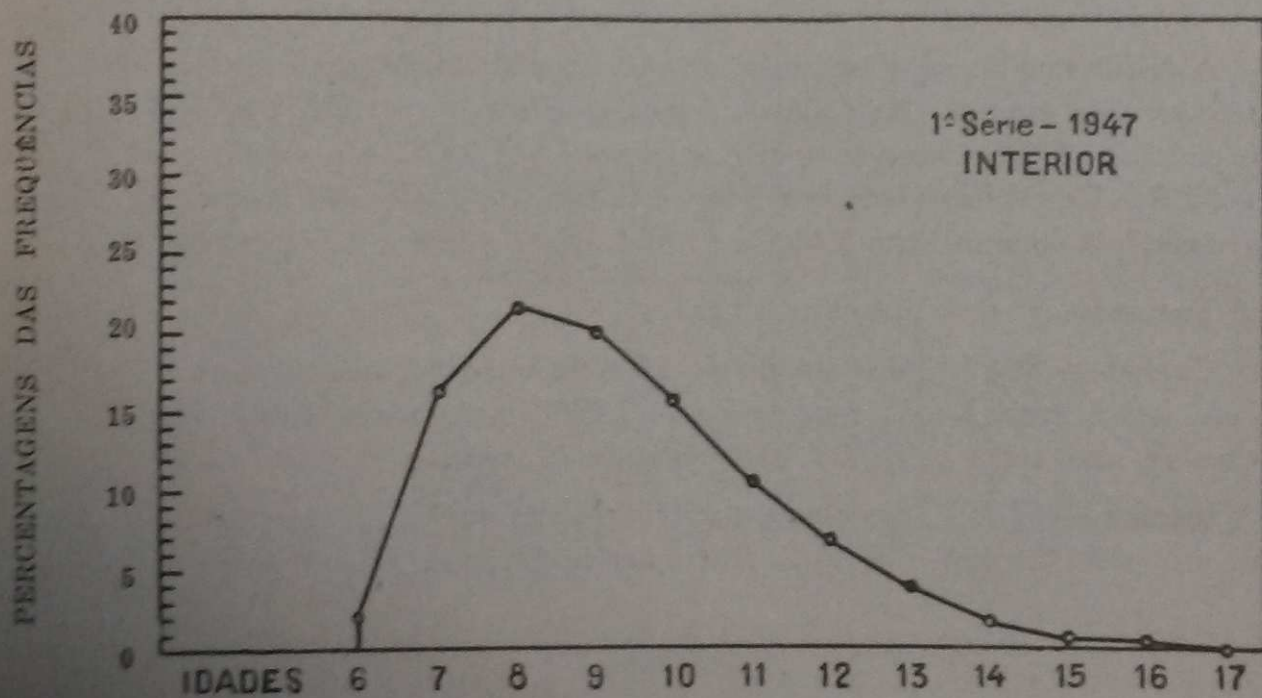
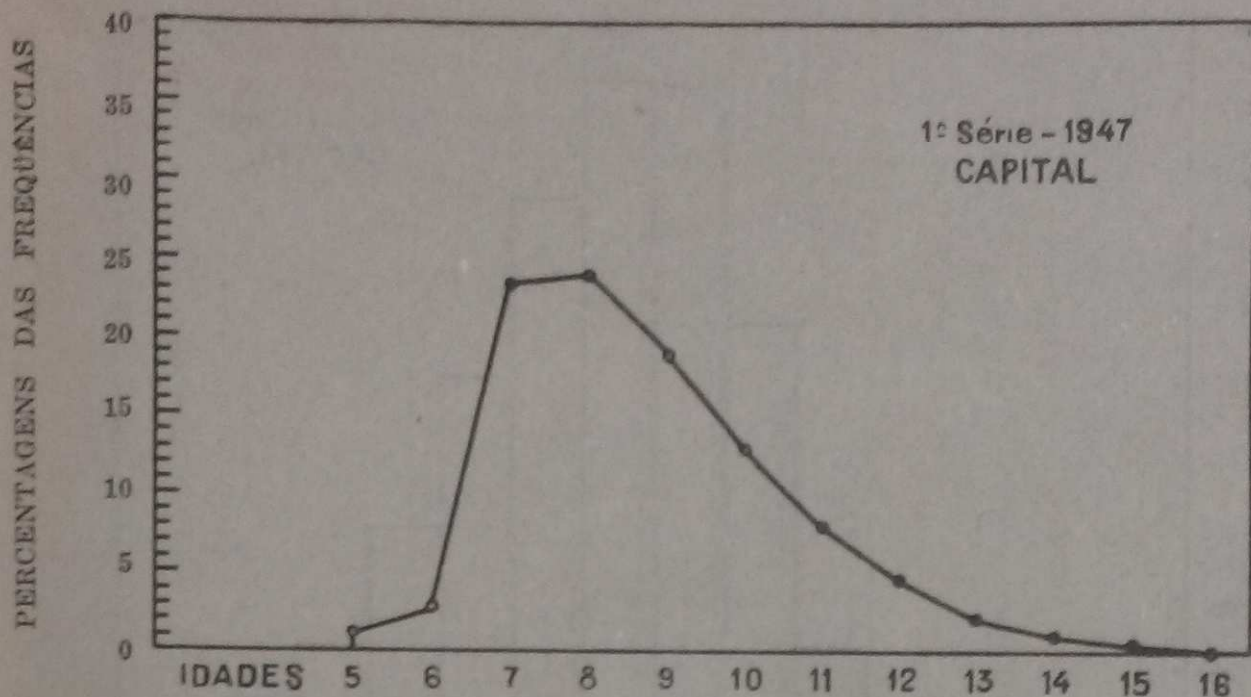
A maior frequência se registou aos oito anos de idade, tanto na Capital como no interior. Na Capital, a média aritmética é 8,80 e o desvio padrão, 1,73; no interior, média aritmética, 9,25, e desvio padrão 1,88. Conforme êstes resultados, a idade que realmente corresponde ao 1.º ano é de 7 a 10 anos, na Capital, e de 7 a 11 anos, no interior.

Avaliando em percentagens, resulta o seguinte:

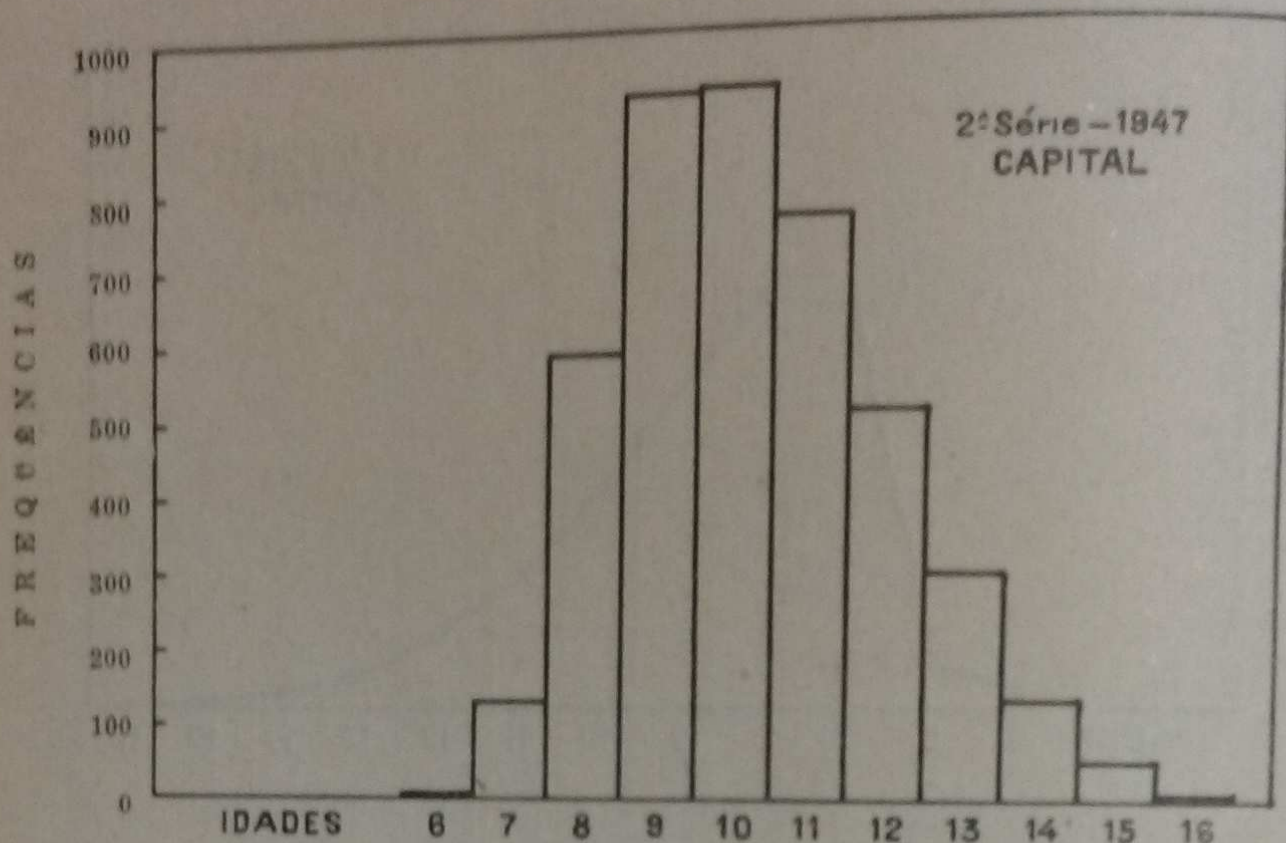
Capital — 80,51 % dos alunos da 1.ª série estão na zona da normalidade, isto é, entre 7 e 10 anos; 2,82 % estão acima, isto é, têm menos de 7 anos; e 16,67 % têm mais de 10 anos de idade.

Interior — 84,42 % dos alunos têm de 7 a 11 anos; 2,17 % têm menos de 7 anos; e 13,41 % têm mais de 11 anos.

PERCENTAGENS QUE CORRESPONDEM AOS QUADROS ANTERIORES



ALUNOS MATRICULADOS NO ANO DE 1947 NA 2.^a SÉRIE DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO

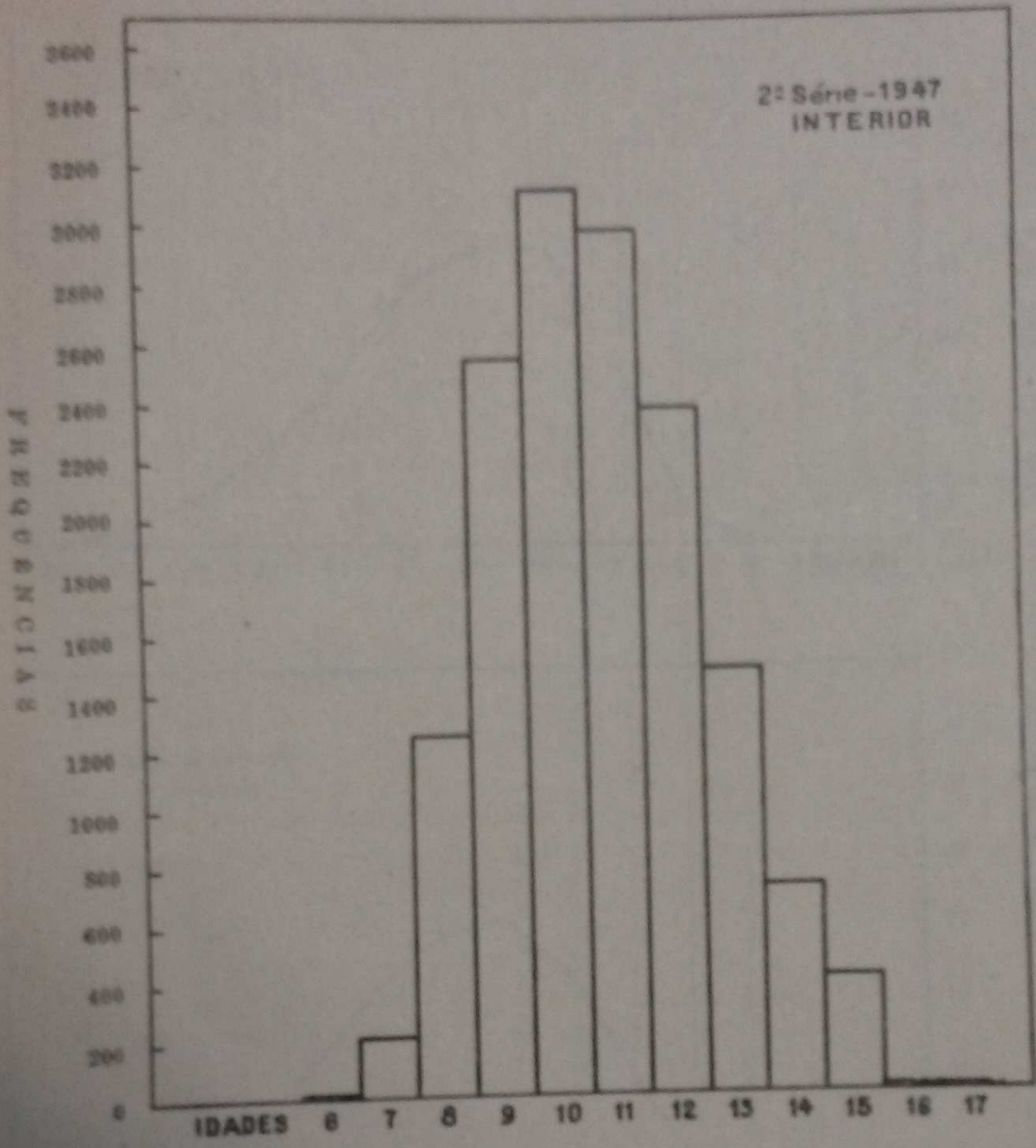


A maior frequência observou-se aos 10 anos de idade, tanto na Capital como no interior. Na Capital, a média aritmética é 10,22, e o desvio padrão, 1,73; no interior, a média aritmética é 10,76, e o desvio padrão, 1,80. De conformidade com estes resultados, a idade que realmente corresponde à segunda série é de 8 a 12 na Capital e de 9 a 12 no interior.

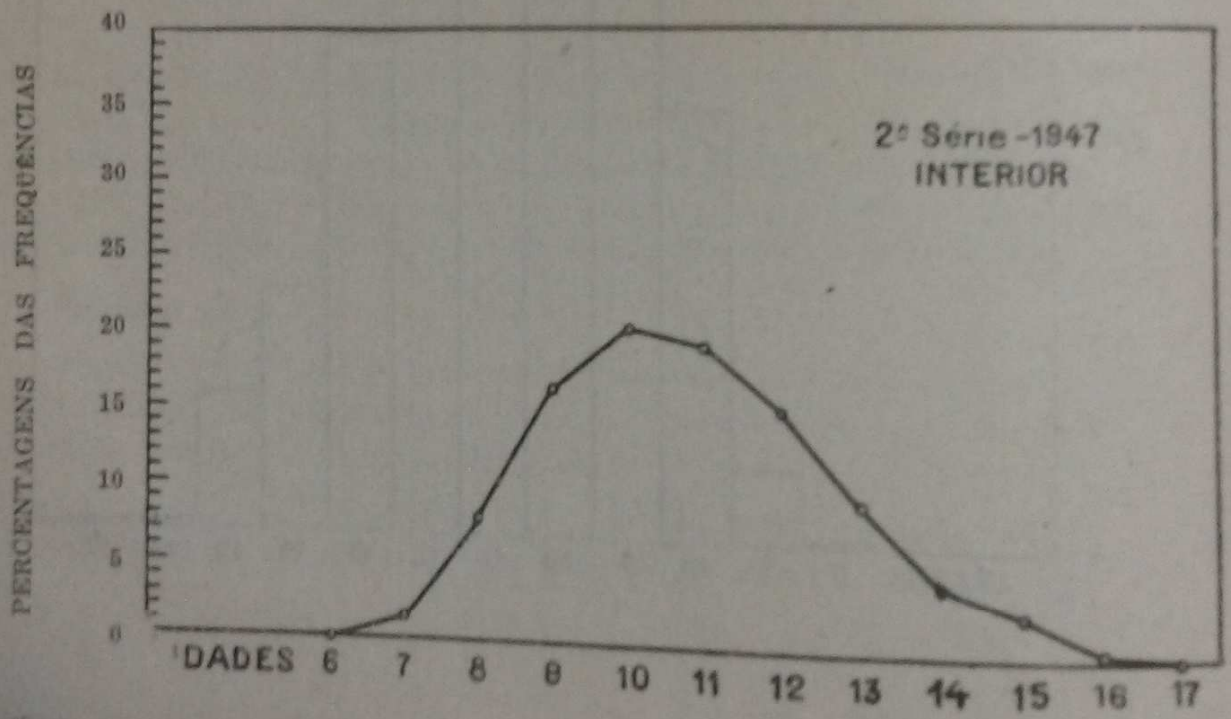
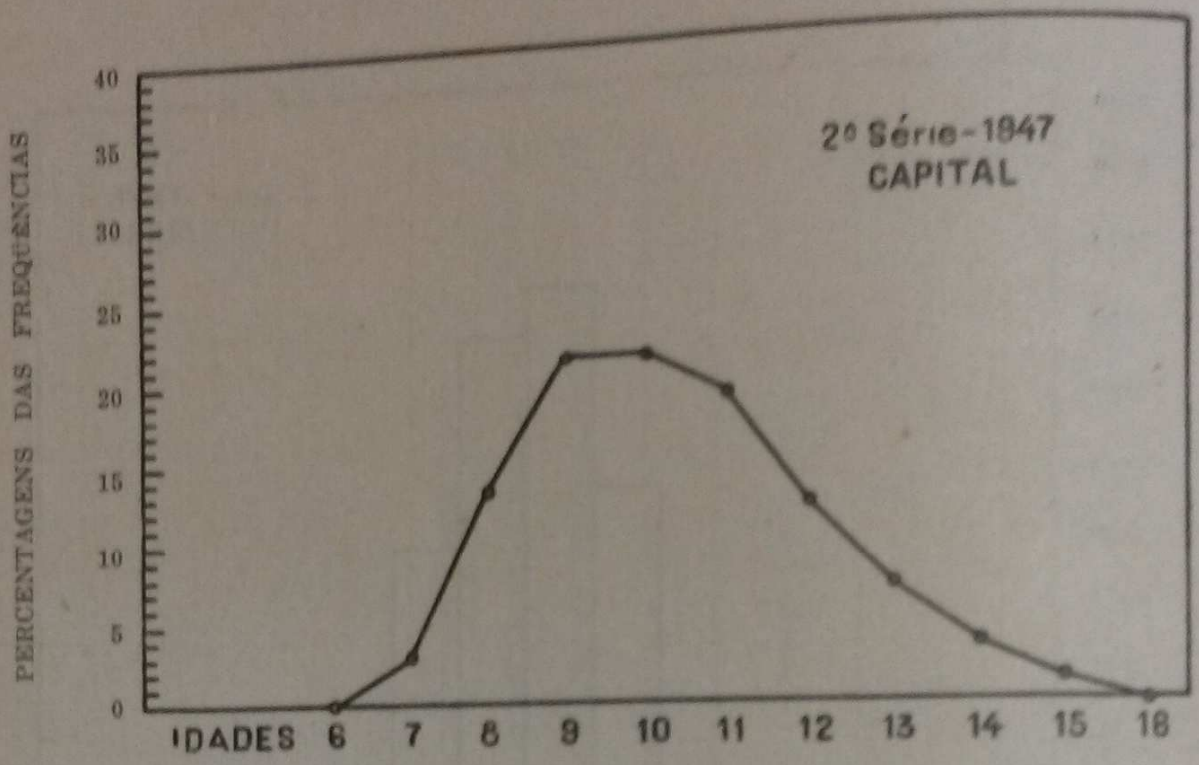
Tomando as percentagens, temos:

Capital — 86,07 % dos alunos da 2.^a série estão na área da normalidade, isto é, entre 8 e 12 anos de idade; 2,95 % estão acima, isto é, têm menos de oito anos; e 10,97 % têm mais de 12 anos.

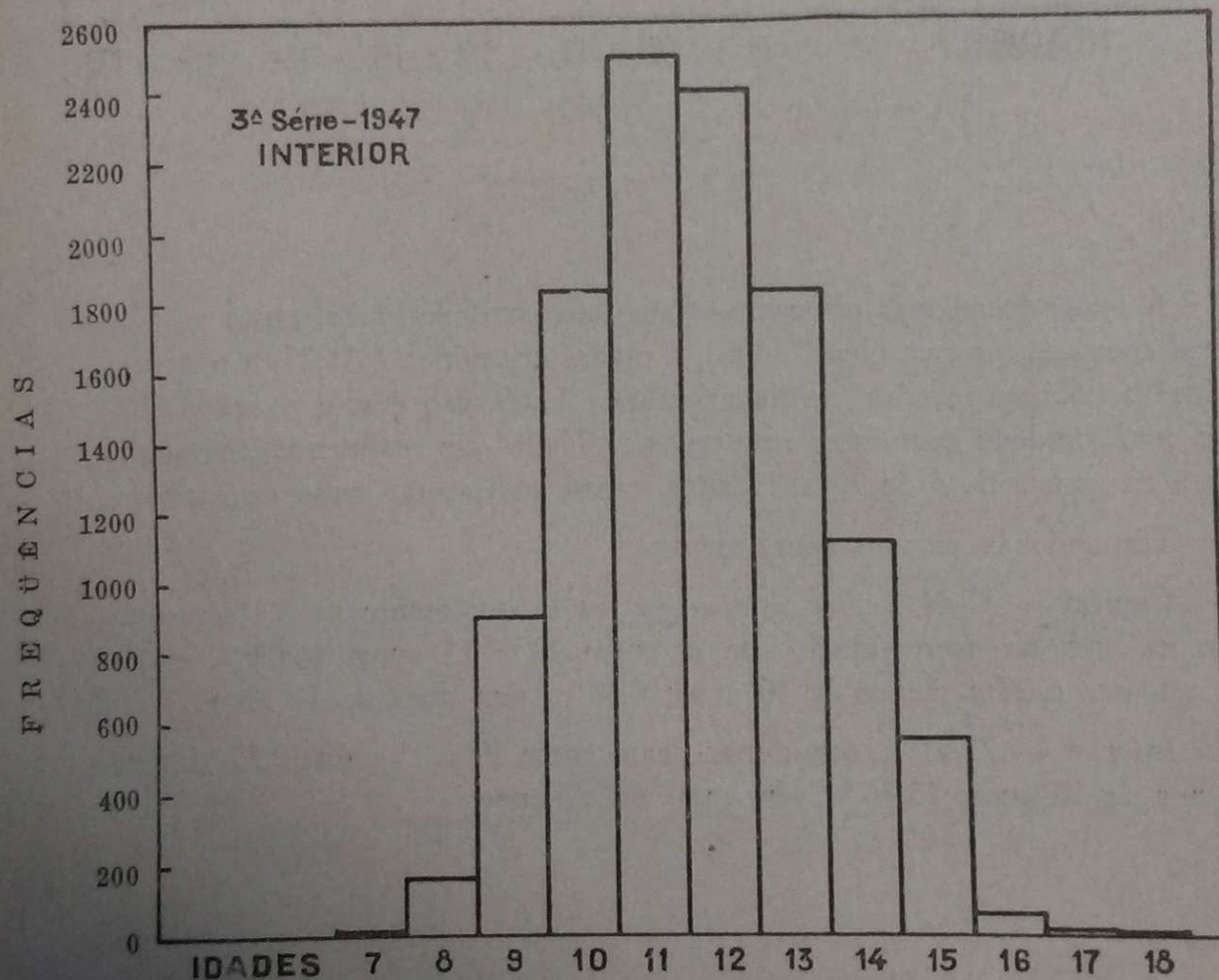
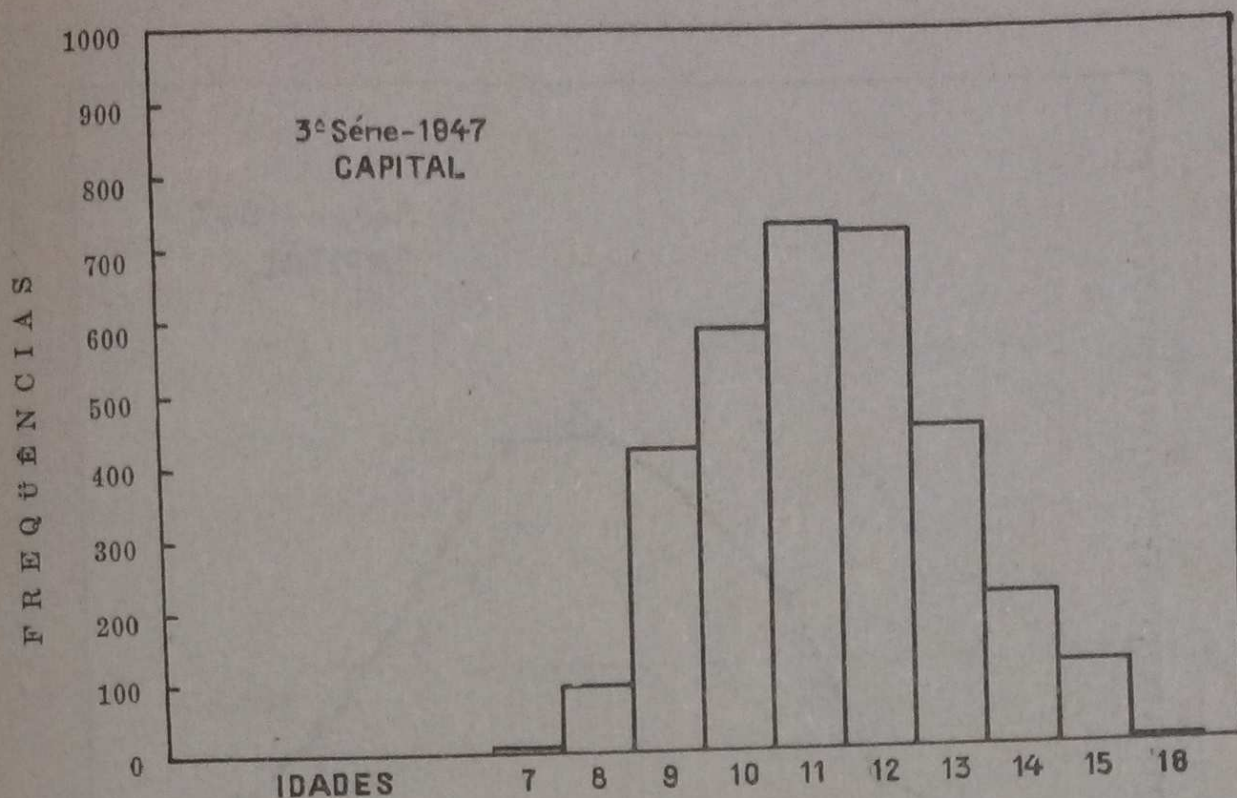
Interior — 72,95 % dos alunos da 2.^a série têm de 9 a 12 anos; 9,66 % têm menos de 9 anos; e 17,39 % têm mais de 12 anos.



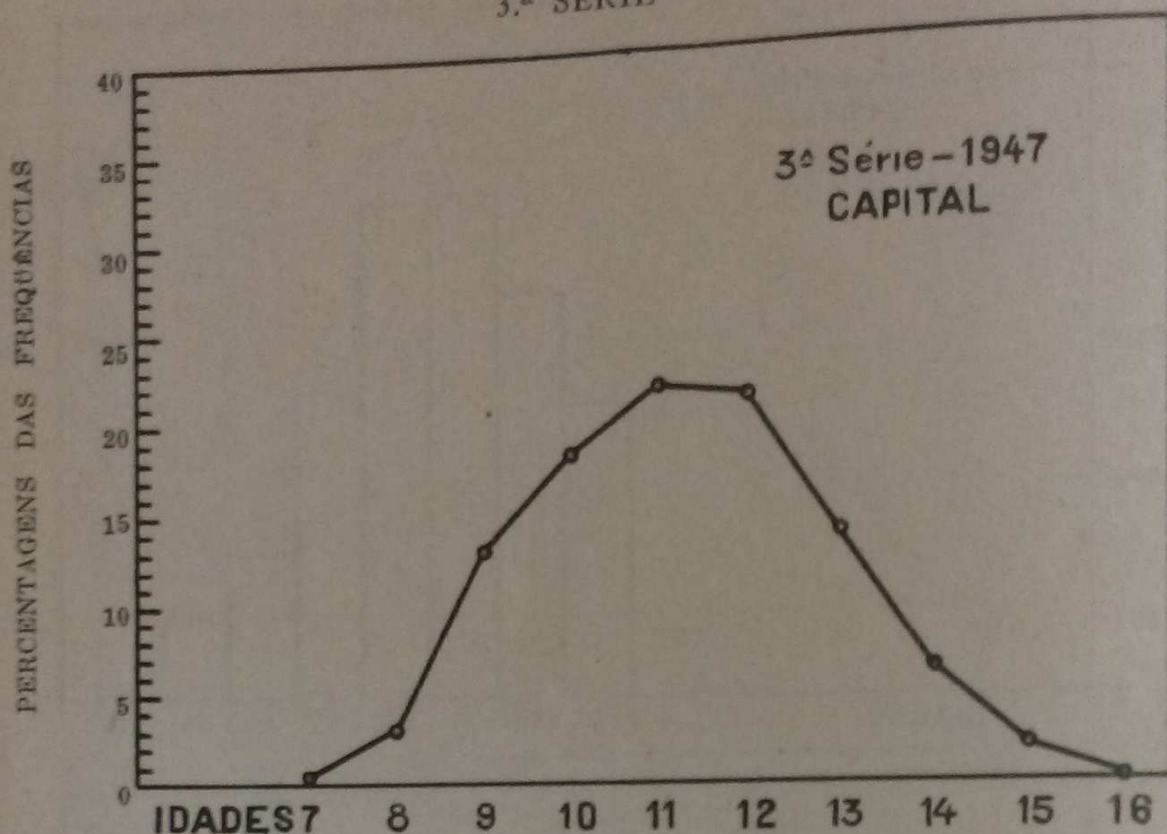
PERCENTAGENS QUE CORRESPONDEM AOS QUADROS DA
2.^a SÉRIE



ALUNOS MATRICULADOS EM 1947 NA 3.^a SÉRIE
DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO



PERCENTAGENS QUE CORRESPONDEM AOS QUADROS DA
3.^a SÉRIE

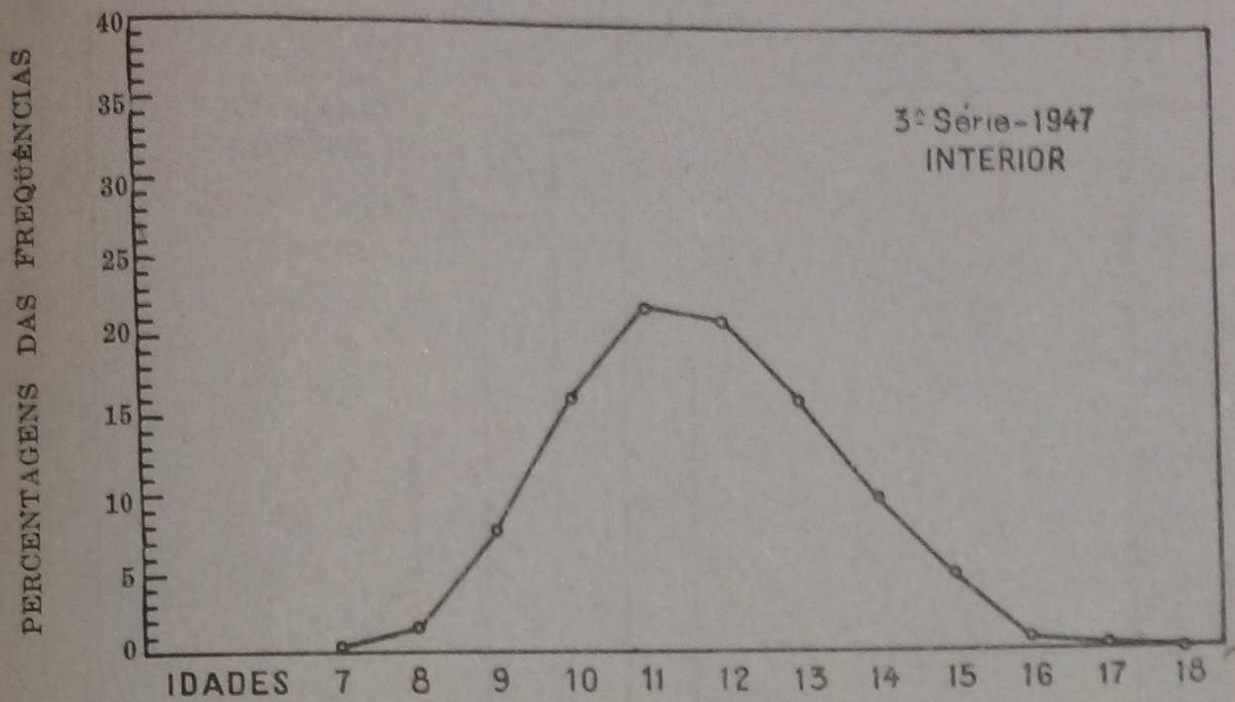


A maior frequência observou-se aos onze anos de idade, tanto na Capital como no interior. Na Capital, a média aritmética é 11,23, e o desvio padrão, 1,62; no interior, média aritmética 11,69, e o desvio padrão, 1,67. De conformidade com estes resultados, a idade que realmente corresponde à terceira série é de 10 a 13 anos, tanto na Capital como no interior.

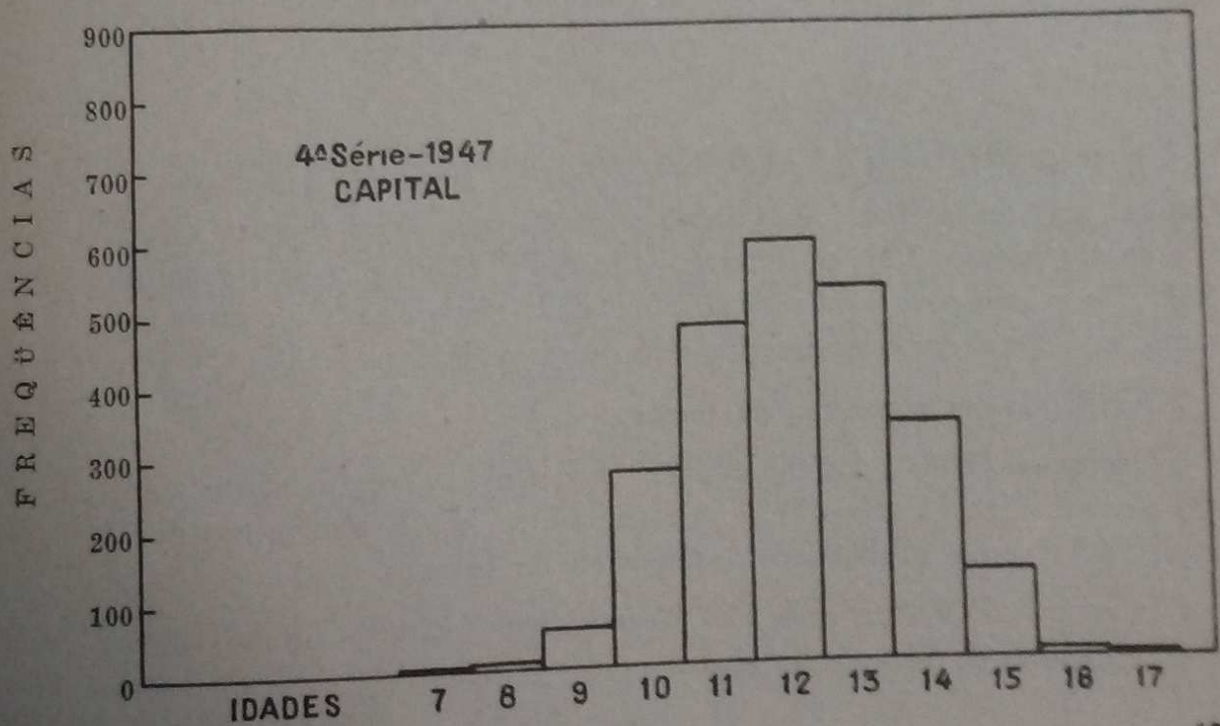
Tomando as porcentagens, temos:

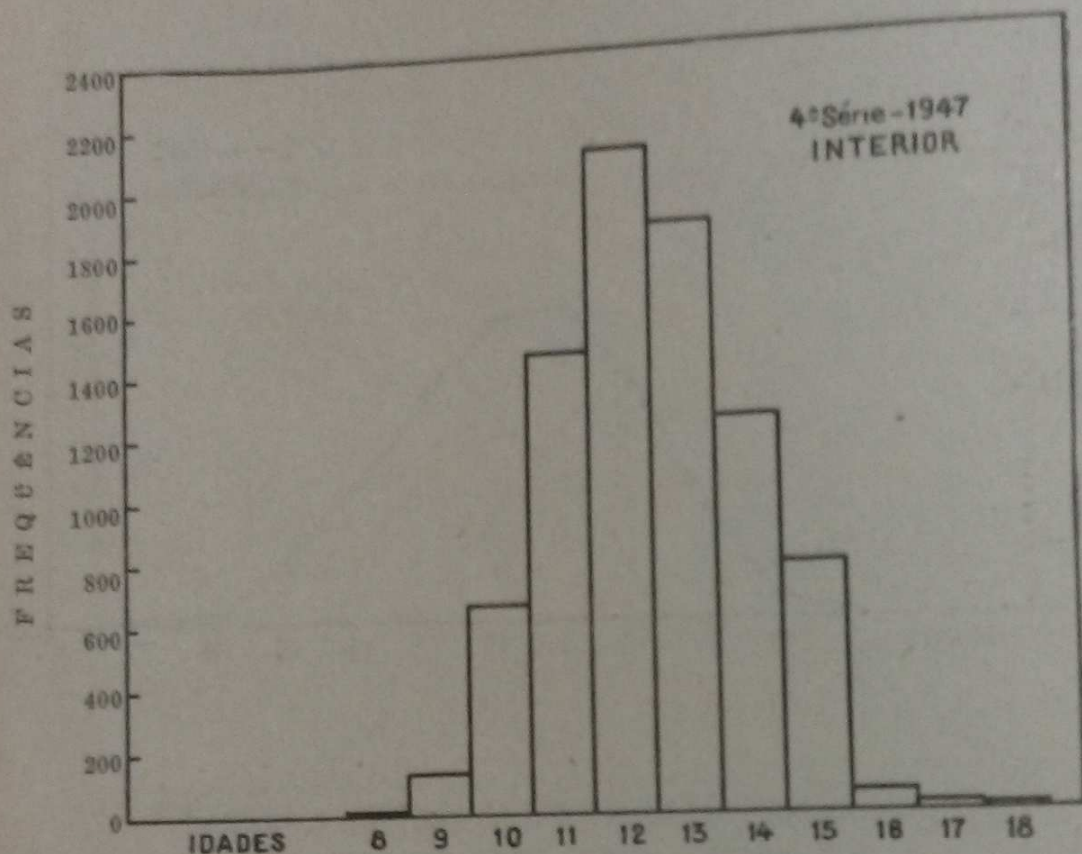
Capital — 75,44 % dos alunos que estão atualmente na 3.^a série estão na área da normalidade, isto é, entre 10 e 13 anos; 16,08 % estão acima, isto é, têm menos de 10 anos; 8,48 % têm mais de 13 anos.

Interior — 75,45 % dos alunos ficam entre 10 e 13 anos; 9,39 % têm menos de 10 anos; 15,16 % têm mais de 13 anos.



ALUNOS MATRICULADOS EM 1947 NA 4.ª SÉRIE
DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO





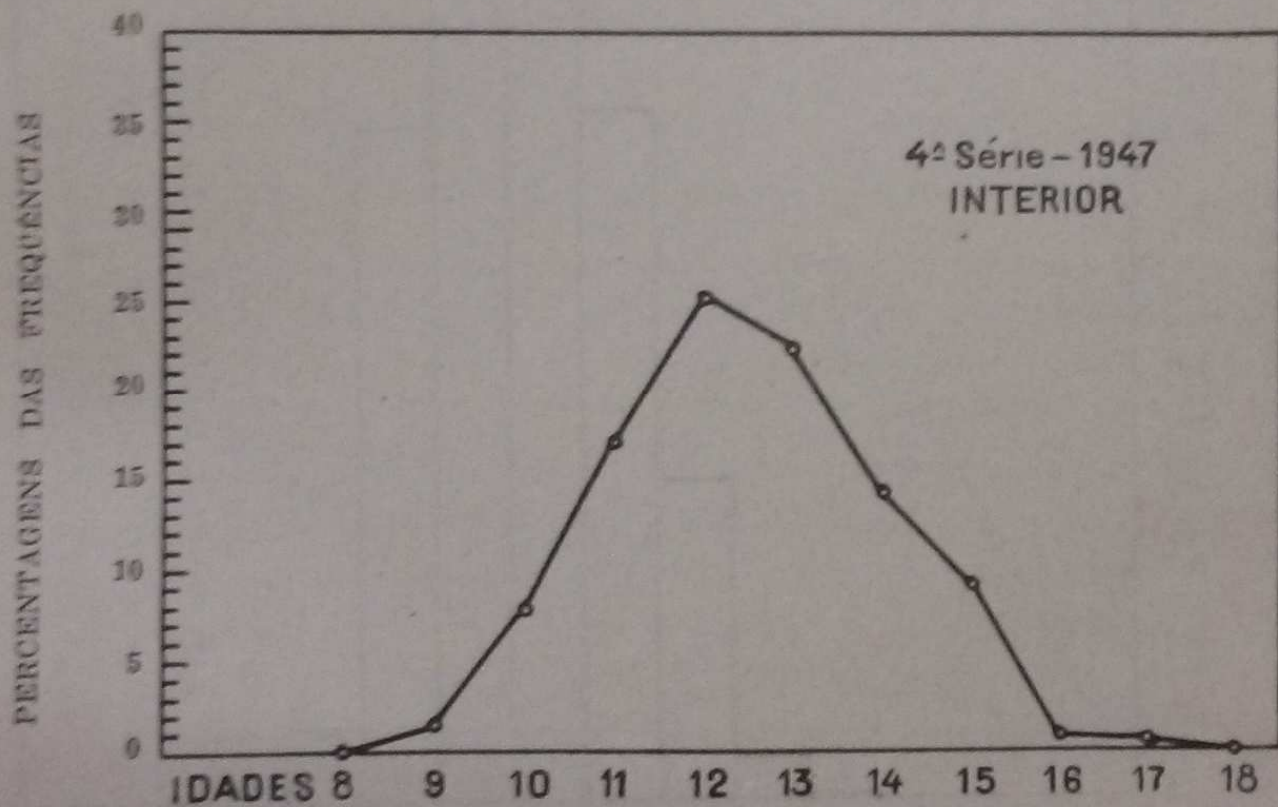
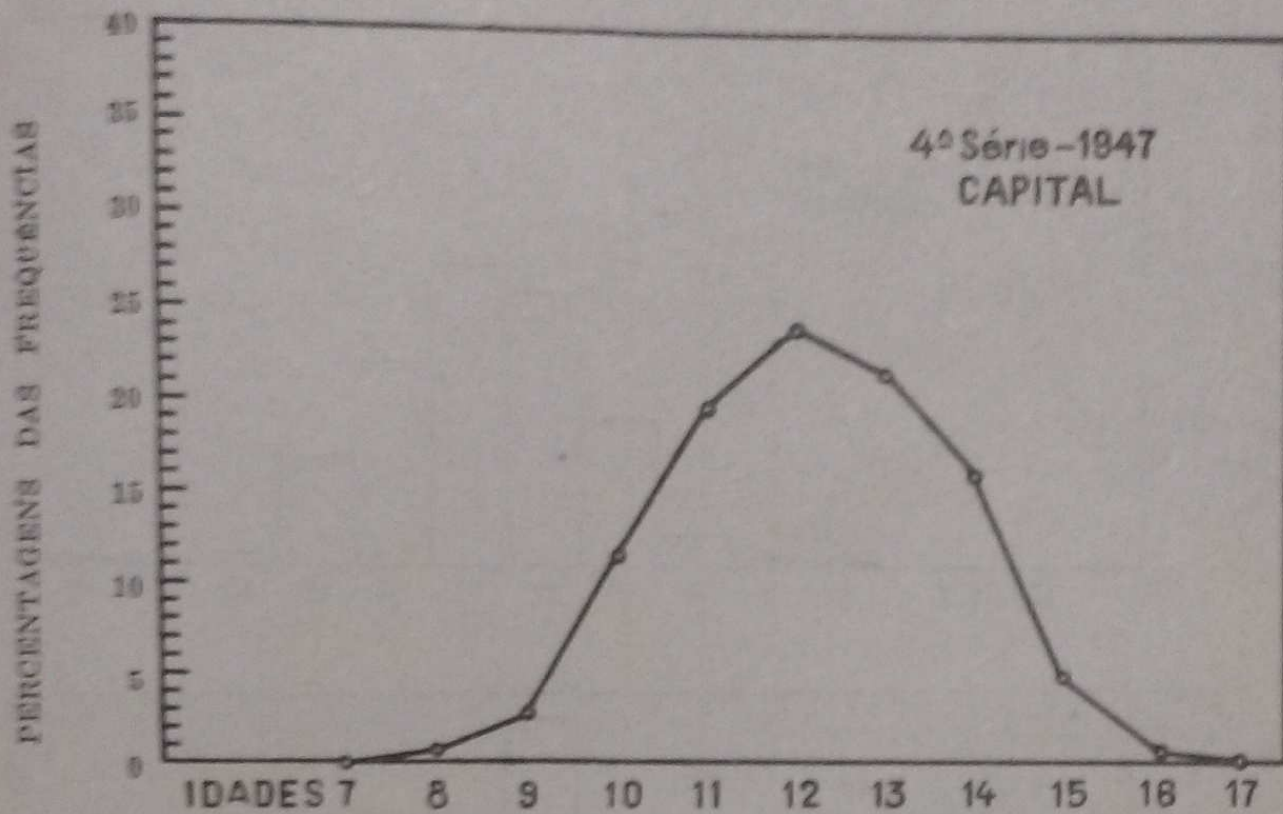
A frequência máxima é observada aos 12 anos de idade, quer na Capital quer no interior. Na Capital, a média aritmética é igual a 12,15 e o desvio padrão, 1,51; no interior, a média é 12,46, e o desvio padrão 1,51. De acôrdo com êstes resultados, a idade efetiva para o quarto ano, tanto na Capital como no interior está compreendida entre 11 e 14 anos.

Avaliando em percentagens, temos:

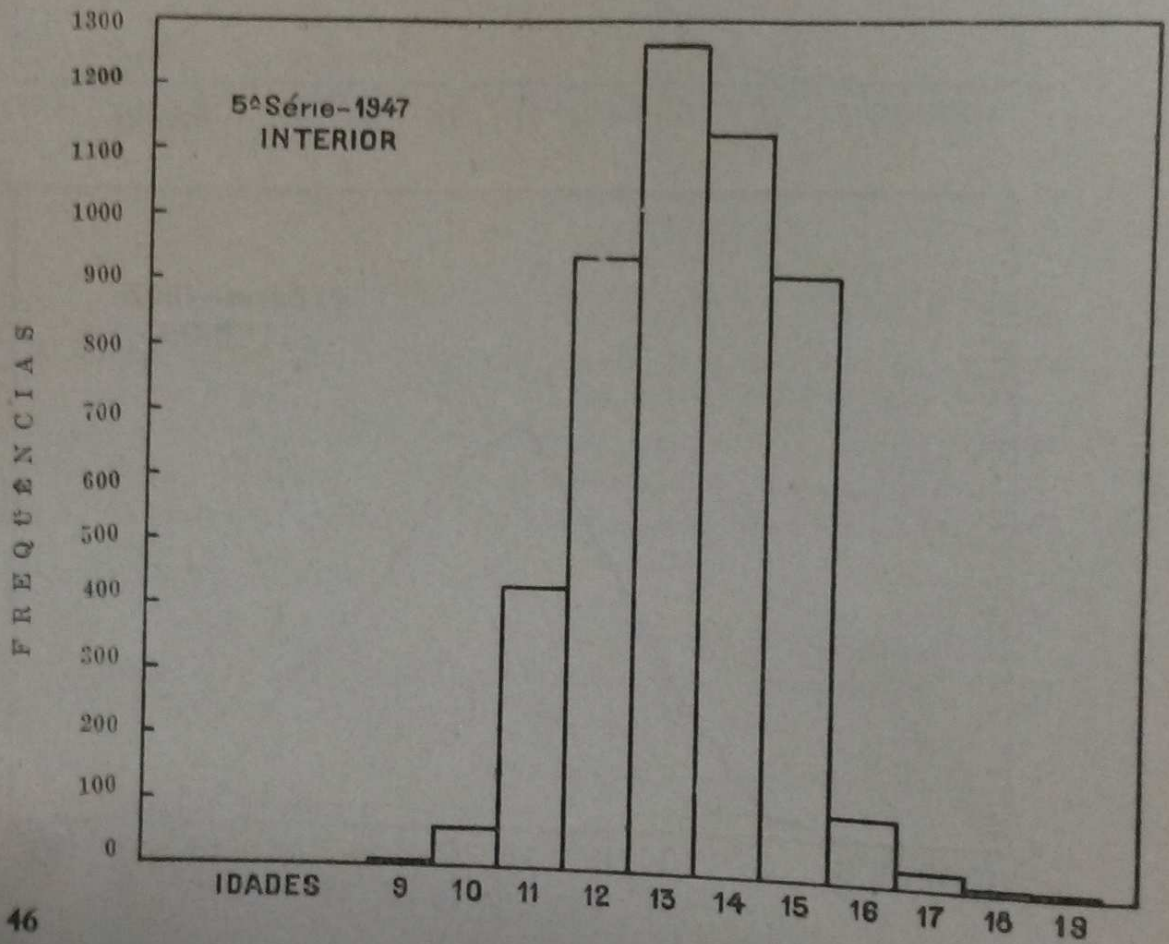
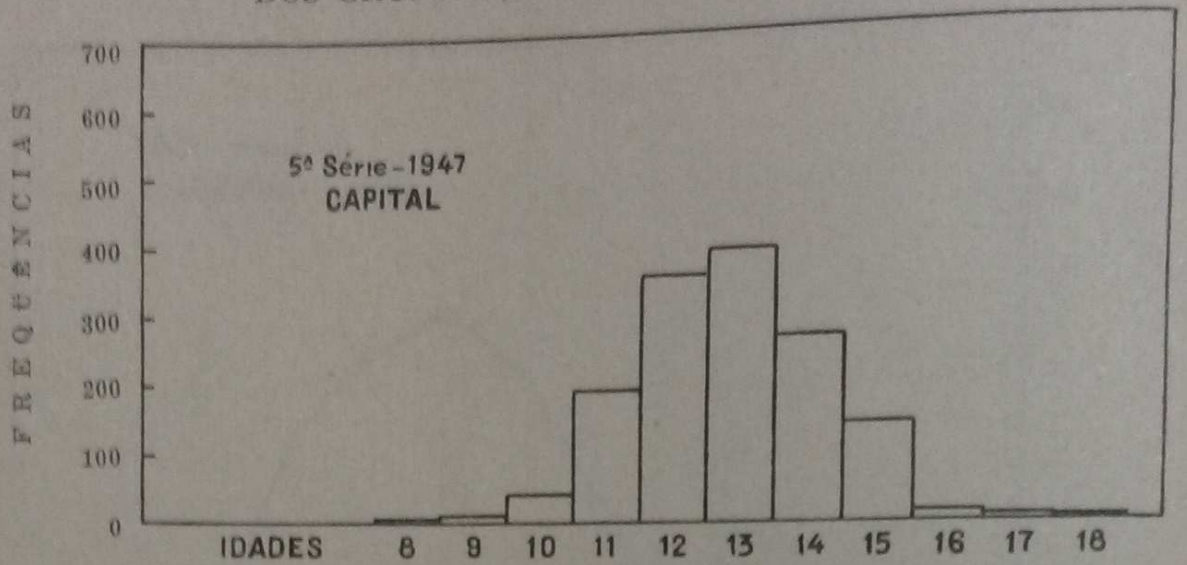
Capital — 79,98 % dos alunos da 4.ª série estão na área da normalidade, isto é, entre 11 e 14 anos; 14,34 % estão acima, isto é, têm menos de 11 anos; 5,67 % estão abaixo, isto é, têm mais de 14 anos.

Interior — 79,99 % têm de 11 a 14 anos; 9,68 % têm menos de 11 anos; 33 % têm mais de 14 anos de idade.

PERCENTAGENS QUE CORRESPONDEM AOS QUADROS DA
4.^a SÉRIE



ALUNOS MATRICULADOS EM 1947 NA 5.^a SÉRIE
DOS GRUPOS ESCOLARES DO ESTADO



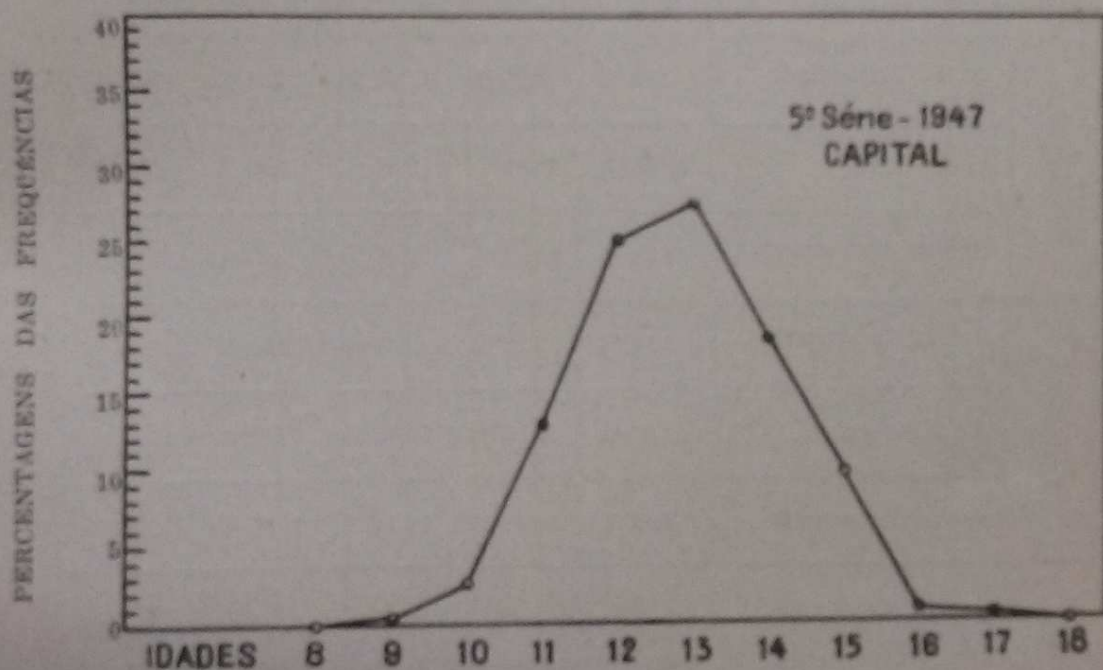
Observa-se a frequência máxima aos 13 anos de idade, quer na Capital, quer no interior. Na Capital, a média aritmética é igual a 13,18, e o desvio padrão, 1,38; no interior, a média é 13,28, e o desvio padrão, 1,37. Assim, a idade efetiva para a 5.^a série, na Capital e no interior, está compreendida entre 12 e 15 anos.

A estes resultados correspondem as seguintes percentagens:

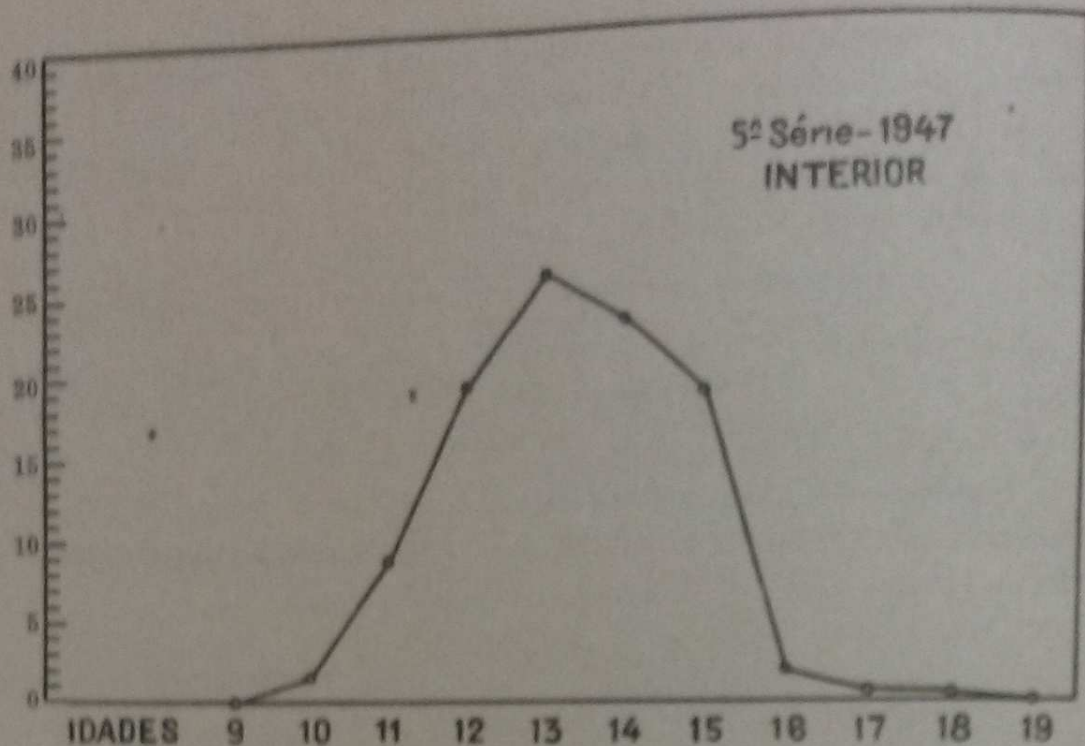
Capital — 88,76 % dos alunos da 5.^a série estão na área da normalidade, isto é, entre 12 e 15 anos; 9,46 % estão acima, isto é, têm menos de 12 anos de idade; e 1,77 % têm mais de 15 anos.

Interior — A idade normal, entre 12 e 15 anos, alcança 87,01 % dos alunos; 10,30 % têm idade inferior a 12 anos; e 2,69 % têm idade superior a 15 anos.

PERCENTAGENS QUE CORRESPONDEM AOS QUADROS DA 5.^a SÉRIE



PERCENTAGENS DAS FREQUÊNCIAS



QUADRO DAS PERCENTAGENS DE FREQUÊNCIAS

| | | 1.ª Série | 2.ª Série | 3.ª Série | 4.ª Série | 5.ª Série |
|----------|-----------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| CAPITAL | Acima da normal | 2,82 % | 9,66 % | 16,08 % | 14,34 % | 9,46 % |
| | Área normal | 80,51 % | 72,95 % | 75,44 % | 79,98 % | 88,76 % |
| | Abaixo da normal.. | 16,67 % | 17,39 % | 8,48 % | 5,67 % | 1,78 % |
| INTERIOR | Acima da normal | 2,17 % | 2,95 % | 9,39 % | 9,63 % | 10,30 % |
| | Área normal | 84,42 % | 86,07 % | 75,45 % | 79,99 % | 87,01 % |
| | Abaixo da normal | 13,41 % | 10,97 % | 15,16 % | 10,33 % | 2,69 % |

A análise do quadro acima leva-nos a registrar uma observação que nos parece interessante. A uma inspeção superficial as percentagens alcançadas pareceriam em extremo favoráveis, de vez que é altamente apre-

ciável o número de alunos nas zonas da normalidade. A amplitude das áreas normais, que se estendem de 72,95 % a 88,76 %, não constitui um índice favorável, antes decorre da dispersão das frequências e, abrangendo grande intervalo ou seja, de quatro a cinco idades para cada série, vai incluir, em consequência, as percentagens acima registadas.

Quais as causas desta realidade escolar? Isto é o que interessa investigar num futuro próximo. Parece-nos legítimo admitir-se "a priori" que há duas situações dominantes fundamentais para explorar: a dos repetentes e a dos ingressos tardios. A pesquisa neste sentido será em breve iniciada. Assim, a investigação do nível pedagógico dos alunos dos grupos escolares do Estado em relação com suas idades cronológicas se desenvolverá em novas direções, para apreensão e domínio dos problemas citados, especialmente o dos repetentes, mais diretamente relacionado com as atividades do C. P. O. E., por isso que a questão dos repetentes não interessa apenas a Clínica de Conduta Infantil; os aspectos psicológicos, sociais e didáticos que comporta devem fornecer elementos para a resolução de numerosas questões de aplicação pedagógica. Aqui deveremos pesar a significação, no trabalho escolar, do nível mental das nossas crianças, dos problemas de conduta, da infrequência, dos programas de ensino em relação com o nível de maturidade e possibilidades de assimilação, e a extensão do curso primário; das deficiências ligadas ao elemento docente: métodos, grau de interesse e dedicação, mudanças frequentes, etc.; das condições físicas, econômicas e sociais dos escolares que possam interferir no rendimento do ensino.

Resumindo os resultados colhidos nesta investigação, podemos concluir:

- I — A idade cronológica efetiva para cada série do curso primário se estende em grande área, na qual nem sempre se situa a idade legal.
- II — As idades efetivas são:
 - 1.^a Série — De 7 a 10 anos, na Capital; de 7 a 11, no interior.
 - 2.^a Série — De 8 a 12 anos, na Capital; de 9 a 12, no interior.
 - 3.^a Série — De 10 a 13 anos, na Capital e no interior.
 - 4.^a Série — De 11 a 14 anos, na Capital e no interior.
 - 5.^a Série — De 12 a 15 anos, na Capital e no interior.
- III — Entre as crianças matriculadas nas cinco séries dos grupos escolares do Estado encontram-se 8,69 % com idade superior à norma, 81,06%, na zona normal, e 10,25%, com atraso escolar.
- IV — A amplitude exagerada das idades efetivas torna evidente a existência de causas graves de perturbação na marcha normal do ensino.